



O GRANDE IMPASSE

APESAR DE TUDO, BOLSONARO AINDA TEM APOIADORES FANÁTICOS CAPAZES DE DAR-LHE SOBREVIDA ATÉ A ELEIÇÃO. E O PAÍS QUE SE MOA

por ANDRÉ BARROCAL



Aturma da direita não bolsonarista ensaia aderir ao *impeachment* ao lado dos progressistas. Um dia após os atos golpistas, caminhoneiros fiéis ao presidente fecharam estradas em 14 estados, cientes de que ajudariam a detonar uma revolta popular a favor do ex-capitão. Burrice e ilusão: motoristas acampados na capital federal chegaram a festejar, como visto em vídeos na *web*, uma inexistente decretação de estado de sítio por Bolsonaro. Este enxergou que parar rodovias afetaria a população, com falta de comida e gasolina e mais alta de preços, e gravou um áudio a pedir aos caminhoneiros que liberassem as vias. A turma ficou perplexa com a traição do “mito”, que se viu forçado a falar por videoconferência com alguns líderes da categoria na quinta-feira 9.

O saldo dos últimos acontecimentos é que o País segue preso a um impasse. Bolsonaro sem força para avançar e dar golpe, mas com força para resistir e não cair. Ou será que a adesão de alas do *establishment* ao Fora Bolsonaro mudará o quadro? “Não vejo que haja clima para o *impeachment*”, declarou aquele que herdaria a faixa, o general de pijama Hamil-

“SÓ SAIO PRESO, MORTO OU COM VITÓRIA. DIREI AOS CANALHAS QUE EU NUNCA SEREI PRESO”, AMEAÇOU O EX-CAPITÃO

ton Mourão. Enquanto isso, o Brasil arrebenta. Inflação de quase 10% em 12 meses até agosto, 20 milhões no desemprego ou desalento, “pibinho”, pobreza, fome. “O impasse irá até a eleição”, diz o governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, a quem o PSB gostaria de lançar candidato a presidente – mas o próprio não quer. Para ele, Bolsonaro causa instabilidade permanente, o que assusta quem tenha dinheiro e alguma intenção de investi-lo. “O estilo de governo do Bolsonaro casa com a personalidade dele, ele busca o conflito o tempo todo.”

Conflito era a meta do 7 de Setembro bolsonarista. Foi o dia mais quente do ano no Distrito Federal, 35,9%. O tradicional desfile militar havia sido cancelado, a fim de que a Esplanada dos Minis-

térios estivesse livre para os apoiadores do presidente. Duas pessoas foram detidas (uma com drogas e celulares, outra com drogas e arma branca), mas a prometida revista geral dos manifestantes pela PM foi meia-boca. A Praça dos Três Poderes estava fechada. Na véspera, fanáticos do ex-capitão tentaram romper a barreira e chegar ao Supremo Tribunal Federal. O presidente da Corte, Luiz Fux, pediu reforço policial ao governo do Distrito Federal e telefonou para o comandante do Exército na região, general Rui Yutaka Matsuda, para avisar: se a situação piorasse, requisitaria uma operação de Garantia da Lei e da Ordem, ou seja, patrulha militar.

Buzinas cortavam a noite brasileira, enquanto *trailers*, SUVs e ônibus tomavam as proximidades da Esplanada. Viase, por exemplo, um ônibus de Rondonópolis, cidade sojicultora de Mato Grosso. Mais cedo, o presidente da Associação dos Produtores de Soja (Aprosoja), Antonio Galvané, havia sido alvo de medidas de busca e apreensão policial, por ordem do juiz Alexandre de Moraes, do Supremo. Motivo: investigar se ele e sua entidade ajudaram a organizar e financiar os protestos. A pedido da Procuradoria-Geral da República, Moraes man-



“Temos uma fotografia para mostrar para o Brasil e para o mundo”, afirmou o presidente, referindo-se à turba que saiu às ruas no 7 de Setembro



CAPA

dou bloquear contas e PIX da Aprosoja e identificar todos os repasses da entidade acima de 10 mil reais. Na decisão, escreveu que uma tal Associação Coalizão Pró-Civilização teria recebido grana dos sócios para bancar os atos.

Naquele mesmo dia, Moraes mandou prender, por solicitação da Procuradoria, um professor de Santa Catarina, Márcio Giovani Niquelate, e um ex-PM mineiro, Cássio Rodrigues Costa Souza. O primeiro disse, em vídeo, que “um empresário grande” oferecia dinheiro pela cabeça do magistrado. O outro, também em vídeo, “que vamos te matar (Moraes) e toda sua família”. O juiz era o alvo do ex-capitão no 7 de Setembro. Logo cedo, Bolsonaro participou de uma cerimônia de hasteamento da bandeira no Palácio da Alvorada, com ministros, fardados e Fernando Collor. Depois sobrevoou a Esplanada com o ministro da Defesa, o general de pijama Walter Braga Netto. Em seguida, deslocou-se no Rolls-Royce presidencial, pilotado por Nelson Piquet, para o palanque.

No público, uma faixa pregava “Intervenção militar e faxina nos Poderes”, outra, “Sim à liberdade de expressão!”, ou seja, aquela liberdade bolsonarista para portar-se de forma abjeta. “Não podemos continuar aceitando que uma pessoa específica da região dos Três Poderes continue barbarizando a nossa população”, discursou Bolsonaro. Era uma referência ao juiz Moraes, condutor dos inquéritos das milícias digitais e o da organização criminosa por trás de atos pró-ditadura. Estas investigações tiraram o sono presidencial. Acordado, ele repete que só sairá do poder preso, morto ou vitorioso. “Ou o chefe desse Poder (o STF) enquadra o seu (ministro) ou esse Poder pode sofrer aquilo que nós não queremos”, prosseguiu. No Supremo, os togados são iguais, eles se revezam na presidência, não há hierarquia. Ao encerrar, o ex-capitão disse que à tarde es-



Os progressistas não têm força para derrubar Bolsonaro, apenas para vencê-lo nas eleições. Lira encarna o papel de biombo presidencial



LIRA FOI INCAPAZ DE MENCIONAR BOLSONARO E AINDA OFERECIU A CÂMARA COMO PALCO DE “PACIFICAÇÃO”

taria no ato em São Paulo e levaria “essa fotografia de vocês mostrando pra onde todos nós devemos ir”.

“Temos uma fotografia para mostrar para o Brasil e para o mundo, não de quem está nesse carro de som, mas de vocês”, reiterou na Avenida Paulista. Foi um ato maior, a lotar ao menos oito quarteirões. E nada de “risco PM”. O governador João Doria Jr., do PSDB, acompanhou do Centro de Operações da Polícia Militar. Segundo uma pesquisa de professores universitários com 642 participantes do protesto, 88% votaram em Bolsonaro em 2018, 95% se definiram como conservadores ou muito conservadores, 61% eram homens e 60% brancos, 43% tinham renda superior a cinco salários mínimos e 42% mais de 50 anos. Eis o núcleo duro do presidente. “A base mais fiel, mesmo que menor do que a moderada, está coesa e mobilizada. A Paulista demonstrou isso”, afirma a cientista política Esther Solano, da Unifesp. Um núcleo da ordem de 25% do País.

Em 4 de setembro, um sábado, Bolsonaro participou, em Brasília, da Conferência de Ação Política Conservadora, a CPAC, invenção da extrema-direita ianque. A atração era Donald Trump Jr., mas ele deu o cano e falou por videoconferência. Um ex-assessor, Jason Miller, do pai de Trump Jr., viera para o evento e acabou detido pela Polícia Federal, por ordem do

MARCELO CAMARGO/ABR, GOVSP, SÉRGIO LIMA/AFIP E NINO GUIMARÃES/PCB BAHIA

juiz Moraes, no inquérito sobre financiamento dos atos pró-ditadura. Miller depôs à PF no 7 de Setembro. Ele está por trás de uma rede social similar ao Twitter, a GETTR, usada pela extrema-direita. Em outro lance para asfixiar o bolsonarismo pelo bolso, o Tribunal Superior Eleitoral proibiu a GETTR de repassar dinheiro a canais e *blogs* bolsonaristas.

Ao referir-se a Moraes na Paulista, Bolsonaro espumava. Entre músicas a ironizar Doria e um cartaz “Lula, morra logo”, declarou: “Qualquer decisão do senhor Alexandre de Moraes este presidente não mais cumprirá”. E aos que chamou de “canalhas”, repetiu: “Nunca serei preso”. Não cumprirá ordens judiciais? Como? Mandará a PF, que executa ordens do Supremo, ignorá-las? Vai fingir-se de morto, se a Corte resolver que ele tem de depor a um delegado federal no inquérito sobre interferência política na PF? Aliás, quando o STF decidirá sobre o depoimento? Celso de Mello votou a favor de Bolsonaro comparecer perante um delegado e pendurou a toga, em outubro de 2020, e desde então o processo parou. Em nota, Mello disse que os discursos de Bolsonaro no 7 de Setembro “revelam a triste fi-

gura de um político medíocre e sem noção dos limites éticos e constitucionais”, sem “estatura presidencial e senso de estadista”, e que “degradou-se ainda mais”.

O atual presidente do Supremo reagiu de forma dura também, na quarta-feira 8. Fux havia combinado com os colegas



O PSD de Gilberto Kassab e o PSDB de João Doria agora manifestam apoio ao *impeachment*. Há mais de 130 pedidos parados na Câmara

de Corte, na véspera, o teor do pronunciamento. Comentou que o tribunal tinha estado “atento à forma e ao conteúdo dos atos”. Para ele, a democracia tem sido muito invocada por defensores de ideais antidemocráticos, por “falsos profetas do patriotismo”, autores de “narrativas fáceis e messiânicas, que criam falsos inimigos da nação”. Expediente, segundo ele, que acoberta “problemas reais e urgentes”. Em um ponto forte do discurso, afirmou que “ninguém fechará esta Corte”. E botou o dedo na ferida: desprezo a decisões judiciais “configura crime de responsabilidade, a ser analisado pelo Congresso”.

Analizado pelo Congresso se, e somente se, o chefe de uma das duas Casas legislativas, a Câmara, permitir. E o deputado Arthur Lira, do PP, não deixa. O parlamentar fez um pronunciamento sobre o 7 de Setembro antes de Fux e foi invertido. Até disse que não há “mais espaço para radicalismo e excessos” e que a eleição de 3 de outubro de 2022 é o “único compromisso inadiável e inquestionável”. Foi incapaz, porém, de citar Bolsonaro ou o presidente da República. E ainda ofereceu a Câmara como palco de “pacificação”, disse que estendia “a mão aos demais Poderes para que se voltem para o trabalho, encerrando desentendimentos”. Aliás, quem também mantém a cara de paisagem ante Bolsonaro é o procurador-geral da República, Augusto Aras. “Ele já tinha que ter agido. O presidente expõe o regime democrático, promove a subversão do Estado Democrático de Direito”, afirma Cláudio Fonteles, ex-PGR.

O Supremo tem meios de pressionar Lira para que deixe de proteger Bolsonaro e abra um dos quase 130 pedidos de *impeachment*. Em abril, o juiz Gilmar Mendes suspendeu três ações de improbidade que corriam contra Lira no Paraná, oriundas da Operação Lava Jato. E se voltar atrás? Detalhe: após o dis-





Roberto Barroso e Alexandre de Moraes, alvos preferenciais do bolsonarismo, reagiram aos ataques. Os caminhoneiros bloquearam estradas em 14 estados, gerando desabastecimento e inflação



curso pífio, o deputado foi até Mendes. Lira também é réu no próprio STF, acusado de ter recebido propina de 106 mil reais, em 2012, quando era líder do PP, para ajudar a manter no cargo o então presidente da CBTU, a estatal de trens, Francisco Colombo. A grana teria sido entregue no Aeroporto de Congonhas a um assessor de Lira, Jaymerson José Gomes. O pepista tornou-se réu em 2019, entrou com embargo contra a decisão, e

o processo está parado com o juiz Dias Toffoli, que pediu tempo para pensar.

E a direita não bolsonarista, aquela que se chama de “centro”, conseguirá tirar Lira da inércia? Se há uma novidade após o 7 de Setembro, é que essa turma agora ensaia aderir ao Fora Bolsonaro. O PSD de Gilberto Kassab, o PSDB de Doria, o MDB de Michel Temer, e o Solidariedade de Paulinho da Força debruçam-se sobre a ideia. Bem que um ana-

lista político de uma das grandes firmas do “mercado” havia comentado no fim de agosto com *CartaCapital*: “Por causa de umas coisas que vi e ouvi, acredito que vão tentar tirar o Bolsonaro da urna. É o movimento Kassab. Podemos ter uma frente do *establishment* contra o Bolsonaro”. Com Lula em campo e uma intenção de voto na casa de 40% e com o presidente e seus 25% de fanáticos, a direita não bolsonarista não terá vez na eleição. Só sem o ex-capitão em cena.

O PSD criou uma comissão do *impeachment*, encabeçada por seu presidente, Kassab. Sigla curiosa: é a do ministro das Comunicações, o bolsonarista Fábio Faria, e a do presidente da CPI da Covid, o neo-oposicionista senador Omar Aziz. Para Kassab, “parece que as condições estão criadas” para um *impeachment*. No dia dos atos golpistas, Doria disse que “até hoje nunca havia feito nenhuma manifestação pró-*impeachment*”, repensou e, hoje, “é pelo *impeachment*”. Ele é um dos presidenciáveis do PSDB, legenda que, na quarta-feira 8, decidiu ir para a oposição e examinar crimes de responsabilidade do presidente. Detalhe: Aécio Neves lidera uma ala bolsonarista no ninho. Logo após anunciar seu oposicionismo, o PSDB tuitou uma imagem da bandeira brasileira com a inscrição “Nem Lula, nem Bolsonaro”.

Tarefa inglória desse pessoal que não quer “nem Lula nem Bolsonaro”, caso também do MDB, que em comunicado afirmou, sobre os atos golpistas, “que o próprio texto constitucional tem seus remédios em defesa da democracia”, e do Solidariedade, que nos próximos dias deve seguir o rumo tucano sobre *impeachment*. “Bolsonaro passou de todos os limites”, comentou publicamente Paulinho da Força. “A cada dia que passa, parece um pouco mais endoidado.” Uma pesquisa de 1º de setembro da consultoria Quaest perguntou aos entrevistados o que preferiam na eleição. “Que vença Lu-

la” teve 45%, “que vença Bolsonaro” 23%, e que nem um nem outro vença, 25%. Em julho, os percentuais eram 41%, 24% e 31%. O potencial da terceira via encolheu.

“Há uma movimentação da alta burguesia brasileira, que quer derrotar Lula e chegou à conclusão que o Bolsonaro não é capaz”, diz o deputado Carlos Zarattini, do PT paulista. Os endinheirados não só não encontram um anti-Lula competitivo, como ainda veem ruína econômica e perspectivas desanimadoras. No sistema financeiro, o pessimismo espraia-se desde agosto. Depois do 7 de Setembro, há quem creia que as reformas neoliberais do ministro da Economia, Paulo Guedes, foram para o brejo e a paralisia seguirá. Entidades empresariais como Abiplast (plásticos), Abit (têxteis), Anfavea (montadoras) e Alshop (*shoppings*) figuram nesse time. Na véspera dos atos golpistas, a pesquisa semanal do Banco Central nas mercadorias apontava piora generalizada nas previsões de crescimento, inflação e juro em 2022. Na quarta-feira 8, a Bolsa despencou 3,7%, maior tombo em seis meses, enquanto o dólar subia 2,8%, maior alta desde junho de 2020.

“O BRASILEIRO ESTÁ SENTINDO NA PELE A DESTRUIÇÃO DO PAÍS”, DISSE LULA, NA VÉSPERA DO FERIADO

O Supremo tem munição para encerrar o governo financeiramente. Basta não aceitar a tentativa de Guedes de limitar o pagamento de decisões judiciais pelo governo. Os chamados precatórios somarão 89 bilhões em 2022, 34 bilhões acima da quantia de 2021. O ministro defende alterar a Constituição para parcelar a fatura em dez anos. No fim de agosto, Fux participou de negociações com Lira e o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, do DEM, para limitar o papagaio

O impasse deve persistir até as eleições. Enquanto isso, o País padece com a estagnação econômica, a inflação, o desemprego e a pobreza

com uma canetada do Conselho Nacional de Justiça, que o juiz comanda também. Ainda terá disposição para tanto?

O ensaio *pró-impeachment* levou representantes da direita não bolsonarista a se sentarem com líderes da oposição, como a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, para conversar sobre algum tipo de convivência. É possível que haja progressistas em um ato da rapaziada conservadora do MBL no domingo 12. E um grande ato conjunto, a juntar progressistas e a direita não bolsonarista, em defesa da democracia e do *impeachment*. Uma possibilidade é realizar esse ato entre o fim de setembro e o início de outubro, a coincidir com o encerramento da CPI da Covid e seu aguardado relatório contundente contra o ex-capitão.

O discurso de Fux não teve lacunas: crime de responsabilidade, crise sanitária e estabilidade. Quem tem faltado na defesa da democracia é o Congresso, sobrecarregando o Judiciário. Fechar o Senado após o golpismo foi um erro”, disse o relator da CPI, Renan Calheiros, do MDB. Uma crítica a Pacheco, que no dia dos protestos decidiu que a Casa não votaria nada na semana. Pacheco fez um pronunciamento mais comedido. Pregou diálogo e harmonia entre os poderes, tudo o que Bolsonaro não quer, e ressaltou que o cenário econômico (inflação, fome, miséria, desemprego, crise hídrica) está desesperador. “Basta sair na rua para ver que o brasileiro está sentindo na pele a destruição do País”, disse Lula na véspera do feriado, em um vídeo na internet. O 7 de Setembro viu também o tradicional Grito dos Excluídos, a pedir “Fora Bolsonaro”, promovido por progressistas em alguns cantos do País. Sozinhos, os progressistas não têm força para derrubar Bolsonaro, apenas para vencê-lo na eleição. A ver se a união com a direita não bolsonarista virá e antecipará o fim do ex-capitão. •

